

Com que Roupa? O associativismo recreativo e a questão da moralidade entre os trabalhadores do Rio de Janeiro da Primeira República

What should I wear? Recreational associations and the issue of morality among Rio de Janeiro workers during the First Republic

Juliana da Conceição Pereira

Bacharel e licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
e Mestranda em História na Universidade Federal Fluminense (UFF)
juliana.cpereira@yahoo.com.br

RESUMO: Em 1938, Luiz Edmundo publicou um livro de memórias intitulado *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Em uma das crônicas ali presentes, chamada “Carnaval de Morro”, o autor tratava do associativismo dançante dos trabalhadores – um fenômeno que tomou o Rio de Janeiro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, e que teve como resultado o surgimento de dezenas de pequenos clubes destinados à dança por toda a cidade. Centralizando sua análise nos códigos morais que esses clubes afirmavam para si, Luiz Edmundo, com um olhar crítico carregado de preconceitos, descreve com ironia as regras de comportamento e os códigos de conduta que, segundo ele, havia presenciado em um dos bailes oferecidos por uma dessas agremiações – sem ver neles qualquer indício de moralidade que se aproximasse dos padrões morais burgueses. Para além da incompreensão do cronista, no entanto, os estatutos sociais que regiam o funcionamento dessas agremiações mostravam que a moralidade aparecia nelas como um critério básico de afirmação de uma identidade. É a partir da análise e da interpretação desses diferentes códigos morais postos em choque que se constitui este trabalho, numa tentativa de compreender de que modo essas discussões contribuíram para a construção de um padrão moral que seria posto em prática no Estado Novo.

Palavras-chave: Associativismo, Trabalhadores, Moralidade.

ABSTRACT: In 1938, Luis Edmundo published a memoir book, entitled *O Rio de Janeiro do meu tempo*. In one of the chronicles, entitled “Carnaval de Morro” (*Carnival on the hills*), the author dealt with the dancing associations of the workers – a phenomena which spread in Rio between the end of the 19th century and the first decades of the 20th century and which resulted in the creation of several small clubs around town dedicated to dancing. Focusing the analysis on the moral codes established by these clubs for themselves, Luiz Edmundo, with a gaze full of prejudiced criticism, describes ironically the behavior rules and codes of conduct which, according to him, he had witnessed in one of the balls organized by one of these associations – noticing no signs of the morality that could match the bourgeois moral standards. Beyond the writer’s lack of understanding, however, the social statutes ruling the functioning of these clubs showed that the morality appeared as basic criteria to affirm an identity. The analysis and interpretation of these different moral codes, and their clashes, constitute the center of this work, in an attempt to understand how these discussions contributed to the construction of a moral standard which would be put into practice during the Estado Novo.

Keywords: Associations, Workers, Morality.

Com que Roupa?

No início da década de 1930, o jovem Noel Rosa começava a se consagrar como um dos mais destacados sujeitos do processo de configuração do samba como ritmo nacional. Com uma produção iniciada nos últimos anos da década de 1920, ele alcançou um sucesso que levou suas músicas a serem gravadas por vários cantores em diferentes anos e contextos¹. Um desses primeiros sucessos, ainda no final de 1930, foi a música “Com que Roupa”:

Agora vou mudar minha conduta
Eu vou pra luta,
Pois eu quero me aprumar.
Vou tratar você com a força bruta
Pra poder me reabilitar...
Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou? ²

A letra da música mostra a preocupação de seu narrador com a questão da vestimenta própria para ir ao “samba”. Ao mudar a “sua conduta”, deixando de lado a malandragem e passando a trabalhar, a personagem da canção percebe que o “dinheiro não é fácil de ganhar”. Logo ele não teria mais dinheiro pra comprar roupas boas para ir ao samba, afirmando que ia “acabar ficando nu”.

Dentre os muitos aspectos de interesse nesta letra, resalto aqui a visão, construída na canção, dos bailes em que se tocava o samba como espaços elegantes e morais, nos quais não ficaria bem ir “coberto de farrapo” e nem com um terno que “já virou estopa”. Se do ponto de vista do senso comum os “sambas” seriam espaços da informalidade e da descontração, a preocupação do narrador da música, captada por Noel Rosa, mostrava a importância que o tema da vestimenta em tais ambientes tinha para aqueles que os frequentavam.

Alçada rapidamente ao sucesso, a música se tornou, segundo o *Diário da Noite*, um dos “sambas da época”, a “música que vai ser cantada em toda a cidade, que já a sabe de cor e pergunta, indecisa, olhando seus vestuários: ‘Com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?’”³. O sucesso da música foi tanto que ela acabou servindo de mote para campanhas publicitárias, como a da Casa Mathias, uma loja de vestuário popular:

No desenho que compunha a propaganda, percebe-se o público preferencial para o qual se voltava esse tipo de questão, isto é, aqueles que frequentavam os sambas: uma jovem negra e pobre. É o que nos sugere a legenda da própria imagem:

E o Mathias, diante da pergunta afilada da Zuleika, ainda em trajes menores, responde: – Meu bem, não é nua que você irá... Também não irá vestida de estopa...(…) Não é preciso perguntar mais, Zuleika. Você vai, hoje como das outras vezes, e como toda gente de bom gosto, com as ricas roupas da que agora, diante da crise, é o mesmo pai dos pobres de todos os tempos.

O anúncio tentava representar aqueles que viviam cotidianamente o tipo de apreensão vivido por Zuleika, pessoas que queriam se vestir de modo elegante, com “bom gosto”, e que não tinham dinheiro para isso, e que ali na loja do seu Mathias conseguiriam as “ricas roupas” de modo acessível, pois ali “se venderia barato, com pouco lucro”.

O rápido sucesso alcançado pela música mostra a força e a importância social da pergunta que dava título à canção, pois a frequência a bailes (ou sambas) fazia parte do dia a dia dos moradores pobres do Rio de Janeiro. Para melhor compreendermos a força e a importância social de tal questão, no entanto, devemos acompanhar um processo iniciado muitos anos antes, quando pequenos clubes, em cujos salões seriam gestadas as formas musicais associadas ao samba, começavam a se afirmar.

As Meninas Vaidosas

Em um baile realizado no Club de Madureira na noite de 28 de maio de 1904, o tesoureiro do Club, Manoel Gonçalves Branco, obedecendo às determinações de seus estatutos, postou-se à porta do edifício social para fiscalizar a entrada de sócios e convidados, conforme declarou em carta posteriormente escrita ao presidente Pedro Paes. Eis que, nas palavras do tesoureiro,

COM QUE ROUPA, SIM, COM QUE ROUPA...
 Mas, **MATHIAS** eu pergunto:
 Com que roupa eu vou ao samba que Uê, me convidou?

É o Mathias, diante da pergunta afilada da Zuleika, ainda em trajes menores, responder:
 — Meu bem, não é nua que você irá... Também não irá vestida de estopa... que pôde pagar feijo e depois Uê, ficarão com todos outros... Não é preciso perguntar mais, Zuleika. Você vai, hoje como das outras vezes, e como toda gente de bom gosto, com as ricas roupas da que agora, diante da crise, é o mesmo pai dos pobres de todos os tempos.

CASA MATHIAS

que agora, diante da crise, é o mesmo pai dos pobres de todos os tempos. E neste dia de Carnaval, mesmo sem grandes estorvos, o Mathias convidará a ser o “estorvo” de sempre. Isso de fama e de glória não se compra em qualquer loja, compra-se com trabalho, honras e serviços prestados ao País.
 Minha gente o Carnaval está aí! A Zuleika já anda agora que nem feição de côco. E por isso ela se veste a dia todo!

Agora tem muitas coisas lindas...
 — Meu bem, não é nua que você irá... Também não irá vestida de estopa... que pôde pagar feijo e depois Uê, ficarão com todos outros... Não é preciso perguntar mais, Zuleika. Você vai, hoje como das outras vezes, e como toda gente de bom gosto, com as ricas roupas da que agora, diante da crise, é o mesmo pai dos pobres de todos os tempos.

— OIA MATHIAS QUE PERGUNTADO:
 Com que roupa eu vou?

— Com que roupa? Ainda se pergunta? Não é necessário perguntar, meu bem, não é nua que você irá... Também não irá vestida de estopa... que pôde pagar feijo e depois Uê, ficarão com todos outros... Não é preciso perguntar mais, Zuleika. Você vai, hoje como das outras vezes, e como toda gente de bom gosto, com as ricas roupas da que agora, diante da crise, é o mesmo pai dos pobres de todos os tempos.

CARNAVALESÇOS!

Isso de “dê”, não são só danças. Aqui, vestidos, e a dança. Mas vestido de lençol, sem pouco lucro e, portanto, aqui de graça. Vestidos etc.

O MAIS FORMIDÁVEL SORTIMENTO DE ARTIGOS PARA O CARNAVAL
 INFINITA VARIEDADE DE SETINS, GAZES, BARRAS, TARTANAS, MESHALANES DE ALGODÃO EM TODAS AS CORES
 Rendas — Gafes — Bóias — Franjas — Chavetas — Cintas
 Formidável sortimento de “Panada de Cera”, vestíveis diretamente e a preço de realme
 A par disso, mantemos em nosso vasto acervo sortimento de ARTIGOS DE YERLO

SEMPRE NOVIDADES — SEMPRE RENOVADO O SORTIMENTO.

AVISO Não se atolem. O pessoal é numeroso e a tarefa servirá. Sem de gritar, faz de pergunta. Cada um opera a sua vez, caladinho para não brigar.

PARA ATENDER AO POVO, A “CASA MATHIAS” FICARÁ DIARIAMENTE ABERTA ATÉ ÀS 22 HORAS (10 À NOITE), ATÉ NO DOMINGO DE CARNAVAL.

CASA MATHIAS
 (Não temos filiais)
 101 - AVENIDA PASSOS - 103

Imagem 1– Diário de Notícias, 8 de fevereiro de 1931

dirigiu-se ao edifício social o Dr. Accacio de Araujo, 1º suplente de Delegados desta Circunscrição, acompanhado de um indivíduo que não se achava decentemente vestido. Exigindo desse indivíduo o seu cartão de convite, foi isto bastante para que o Dr. Accacio me dissesse que, como autoridade, podia fazer entrar no salão social quem muito bem lhe parecesse⁴.

O tesoureiro relatou o ocorrido ao presidente Pedro Paes solicitando “a providência que o caso requer” a fim de que “fatos dessa ordem não se reproduzam”. Somando-se a essa carta, diferentes testemunhas firmaram um abaixo-assinado confirmando o ocorrido, principalmente porque, de acordo com os sócios, a autoridade policial faltou com o “devido respeito e cortesias a senhoras e senhoritas que assistiam à récita que o Club efetuava na mesma noite”.

Diante disso, o presidente do clube, Pedro Paes, escreveu uma carta ao Chefe da Polícia da Capital Federal, para que levasse ao conhecimento do mesmo o “procedimento irregular, antissocial e abusivo cometido pelo Dr. Accacio de Araujo, suplente da 6ª Delegacia Suburbana”.

O serviço policial no Distrito Federal era comandado por um chefe de polícia, e este era ajudado por três delegacias auxiliares. A 2ª delegacia era a responsável por supervisionar as diversões públicas e garantir a ordem, a moralidade e a segurança⁵. Era dali que saía, a partir das informações dos delegados distritais e inspetores das circunscrições, o parecer final das licenças de funcionamento das sociedades recreativas. Os problemas cotidianos relacionados a esses clubes, no entanto, costumavam ser resolvidos nas próprias delegacias distritais. Porém, a gravidade do caso ocorrido no Club de Madureira levou seu presidente a escrever diretamente ao chefe de polícia, já que se tratava justamente de um abuso cometido pelo delegado da 6ª Circunscrição Policial Suburbana.

Ao receber o ofício, o chefe de polícia abriu um inquérito, no qual buscou ouvir “não só as pessoas que se dizem ofendidas, como outras estranhas ao Club” a respeito das quais tinha bom conceito. Era o caso do inspetor Belmiro Vianna⁶, que acompanhava o delegado na hora do ocorrido – que “tão envergonhado ficou com o procedimento do mesmo indivíduo que se retirou para a Delegacia”, segundo seu próprio testemunho. Diante das provas e dos depoimentos, o Dr. Accacio, que não negou o ocorrido, foi exonerado no dia 16 de junho do mesmo ano, e os papéis do caso foram arquivados⁷.

Por mais que o episódio tenha se resolvido com celeridade, a dimensão tomada pelo problema sugeria que ele tocava em questões às quais os membros daqueles clubes atribuíam grande importância. De acordo com as normas policiais que regiam seu funcionamento, os clubes deveriam dar “franco acesso às autoridades policiais”⁸. Desse modo, o motivo do incômodo de seu presidente, cuja legitimidade foi reconhecida pelo próprio chefe de polícia, não foi a entrada do delegado na sede, e sim o fato de que o indivíduo que acompanhava o Dr. Accacio não estivesse “decentemente vestido”, apresentando-se com roupas de trabalho

sem colarinho e gravata. O cuidado com a elegância e a decência nesses bailes, expresso na importância que os sócios do Club de Madureira atribuíram ao caso, mostrava a força da questão entre esses sujeitos.

Sem ser caso isolado no bairro suburbano, a definição de uma forma correta e decente de vestimenta para a frequência aos bailes aparece como elemento importante nos estatutos de outros clubes do gênero. No ano de 1907, o Club Recreativo Chuveiro de Ouro⁹, com sede na Rua Lopes Quintas (Paróquia da Gávea), deixava claro em seus estatutos que todos os sócios tinham o direito de “tomar parte em todas as diversões sociais, devendo, porém, se apresentar decentemente trajados”¹⁰. De modo semelhante, o Grupo Carnavalesco Rei das Mattas entregou em 1908 à polícia seus novos estatutos, que afirmavam no artigo oitavo não ser permitida “a entrada em dias de festa no grupo a todo e qualquer sócio que não se apresentar decentemente vestido”¹¹. Confirmando o caráter generalizado dessa regra, a Sociedade Carnavalesca As Meninas Vaidosas, localizada em Laranjeiras, definia no mesmo ano, em um dos artigos de seus estatutos, que “todo os sócios em dias de festa da sociedade deverá se apresentarem (*sic*) decentemente vestidos, como é de praxe em as sociedades congêneres”¹². Para além dos erros gramaticais grosseiros, que revelam a precária alfabetização de seus componentes, o artigo demonstra o cuidado dos membros de grêmios como aquele com a elegância e a decência que deveriam marcar seus festejos. Mais do que a vaidade sugerida pelo nome da associação, tais regras enfatizavam o papel central que a respeitabilidade e a decência tinham em associações recreativas formadas por trabalhadores.

Assim, o clube condiciona a participação nas atividades sociais ao vestir-se de forma decente. Era o que já fazia alguns anos antes (em 1900) o Club das Esmeraldas¹³, localizado na Rua Santo Alfredo (bairro de Santa Teresa), marcando a sede como o local da alegria e do bom comportamento, proibindo no artigo sexto de seus estatutos a “presença da cor preta e sócios que não estejam trajados com decência”. A proibição da cor preta, associada ao luto, nos sugere que o objetivo primordial dos seus sócios eram a alegria e a diversão. Mas isso não seria sinônimo de indecência, pois, para participar, era preciso estar trajado com decência.

A moralidade dos outros

A decência, o respeito e a moralidade estavam profundamente ligados ao projeto republicano, como demonstra Sueann Caulfield no livro *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*¹⁴. Segundo a autora, no período republicano havia um consenso entre os juristas de que a sociedade moderna trouxera uma degeneração moral. Diante disso, “os juristas da virada do século propunham educar a população para adotar valores morais ‘civilizados’, incluindo a valorização da honra sexual feminina, como uma medida para estabelecer a ordem e o progresso”¹⁵. Em busca

da civilização do país, a moral aparecia como um referencial na sociedade que se desejava formar. Civilização e progresso estavam, assim, diretamente ligados à defesa da honra¹⁶. Desse modo, a civilização do país dependeria da propagação para as “classes populares” de hábitos morais civilizados. Às elites coube o papel de zelar pela moral e pelos bons costumes, e esse zelo estava na tentativa pedagógica de disciplinar o mundo dos trabalhadores. Porém, essa tentativa de aplicar uma conduta moral igualitária a toda a sociedade envolvia disputas.

É o que mostra, por exemplo, Luiz Edmundo, em crônica na qual descreve um baile na Sociedade Carnavalesca Familiar Dançante Beneficente Recreativa Tira o Dedo do Pudim, que, segundo o autor, se localizaria no Morro da Conceição¹⁷. Uma das primeiras coisas que chamaram a atenção do autor foram as instalações do clube, cuja sede descrevia como “um salãozinho que mal comporta a chusma de associados”. A ornamentação do salão também não escapava ao olhar crítico do cronista:

O salão do Tira o Dedo do Pudim é todo ele forrado de um papel azul cor de manto de Nossa Senhora, onde, em desenhos grotescos, prateados e como que em relevo, se veem, em confusão, líras e rosas que se entrelaçam.

A descrição da sede nos sugere a visão carregada de preconceitos que Luiz Edmundo usa nessa crônica para descrever o clube; ele chega a afirmar que “um dos grandes caprichos dessas agremiações mômicas é o papel da sala. Tem que ser espalhafatoso e caro”. Vendo ali um gosto duvidoso, o autor ironiza a pretensão dos sócios a algo rebuscado.

Esse estranhamento também aparece quando o autor se refere ao perfil dos frequentadores do clube. Descrito por ele como um ambiente “onde se junta a ralé do morro, a gentilha que sobe da Saúde ou vem das bandas do saco do Alferes e Morro do Pinto”. O clube era formado por sócios que seriam, em sua maioria, negros e mestiços – estando, por isso, associado em seu texto às classes “viciosas”¹⁸. Por isso, ao longo da crônica, Luiz Edmundo não se cansa de ironizar a pobreza e a falta de requinte dos sócios do clube – o que se expressa, por exemplo, na fala das personagens da crônica, transcrita de forma fonética a partir de seus erros: por meio de expressões como “Homem de valô e inconsideração”, “vilce-persidente em exelcício”, “garanti a orde e a imoralidade da casa”, o autor mostrava o perfil social iletrado dos frequentadores do clube, descrito com as cores do seu preconceito.

Para além dessa caracterização caricata de clubes como aquele o que chama a atenção na crônica é a descrição de um caso semelhante ocorrido no Club de Madureira. De acordo com Luiz Edmundo, nesses espaços havia muitos penetras, pois esse “é sempre o tipo que invade, sem convite, a sede desses grêmios”. Em um dia de baile no Tira o Dedo do Pudim, um desses penetras era Carlos Bittencourt, repórter do jornal *O País*, acompanhado de duas pessoas. Ao tentar “penetrar” na sede social, o “garantia”, a pessoa responsável pela entrada na sede, disse a ele: “Vossoria mostre antão os seus dicumentos”, olhando com suspeita a indumentária do repórter. Como não havia nada que comprovasse sua identidade, Carlos Bittencourt fez então um discurso em saudação ao rancho, e com isso os presentes

o confirmaram como “Reportel!”. Porém, antes que ele conseguisse entrar na sede, disse-lhe o garantia: “Seu reporte me discurpe, mas porém nós percisamos sê gente de rigô par causa dos abuso”. O rigor a que se refere o garantia se expressa na passagem seguinte:

Seu reporte qué sabê? Trás antonte aqui veiu um moço que também se dizia sê da imprênsia. Vinha com duas dâmias de carção de circo. Oiei as muié e obtem-perei: – Vossoria pode ingressá, as dâmias, porém, não pode por via do itinerário que elas trás que não está de acordo com um salão de famia. Pega ele responde: – Se eu entro elas têm que entrá também, por que elas viero cumigo e num vortam. Fez jeito de ciscá e eu ainda reobtemperei: – Vossoria não insista que se estrepa. Ele insistiu.

O que chama a atenção na narrativa, porém, não é a tentativa de ingressar na sede social de alguém que fingia ser da imprensa para entrar como penetra, mas a tentativa de incluir como penetras damas com “carção de circo”. Mesmo que não se tenha a descrição desses trajes, o cronista demonstra que não estavam de acordo com um salão familiar, sendo vistos pelo responsável pela entrada no clube como roupas imorais. A solução do caso se deu de forma violenta:

Foi quando o Gaudêncio, nosso claurinete, afogueado, meteu a cara no grúpo e grampiô o home. Fechou o tempo. Ora a ladeira é ingres, Gaudêncio vê pouco, é milpes, estropeça na carçada e os dois rola João Homem abaixo. Resurtado: apanha o nosso claurine ta um tapa-oio que vira dispois numa dispécia fraudulenta na básia no crânis que ele ainda inté hoje tá de cama.

Após contar a história, o garantia adverte o repórter: “Vossoria entra, mas as dâmias que eston no lado de fora, de sereno e que veio com Vossoria é que não pode entrá”. No fim, as “dâmias” acabam entrando porque nada mais eram “que três boêmios, os caricaturistas Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro e Luís Peixoto vestidos de baianas”. O trecho nos sugere a visão que Luiz Edmundo tem dos sócios desses clubes, evidenciando que ele não consegue perceber em suas atividades nenhuma marca de elevação. Com sua ironia e seu sarcasmo, mostra tomá-las como simples expressão do atraso de seus componentes e de sua incapacidade de se fazerem civilizados e moralizados.

Luiz Edmundo não era o único representante do mundo letrado que manifestava o preconceito com o qual olhava as atividades desses clubes. Compartilhando a mesma visão, podemos observar a descrição que o cronista carioca Orestes Barbosa fez, em 1923, de sua ida a um baile dos Caprichosos da Estopa, uma agremiação congênere:

Ainda vi, nessa esquina, um aspecto do fuzuê: uma crioula, rodeada de outras, sentada na soleira de uma porta: tinha, na mão, não só os sapatos do baile, mais as meias cor-de-rosa com que fizera figuração. E os pés chatos da preta, com um dedo grande que parecia uma manivela de bonde¹⁹.

Para Orestes Barbosa, os pequenos clubes dançantes eram espaços sem requinte nem moral. Desacostumadas com roupas elegantes, ao saírem da sede do clube as mulheres já tiram as meias e os sapatos que apertavam seus pés. A preocupação com a vestimenta, para

o cronista, aparece como “figuração” para a hora do baile, mas, por não ser algo natural para aquelas pessoas, elas o fazem de um jeito artificial que se torna cômico. Dessa forma, não faria sentido buscar ali algo moral – o que leva Luiz Edmundo a ironizar afirmações como estas, ouvidas de um dos sócios: “Isso aqui, seu reporte, é famia. Já se casaro nesta casa oito virge. E ainda hom de se casá mais”²⁰. Por mais que ouvisse do suposto interlocutor a afirmação da moralidade do grêmio, fazia da incongruência entre essa afirmação e suas próprias opiniões sobre o clube a base do efeito de graça que pretendia construir.

A respeito da incompreensão do cronista sobre a lógica desses clubes, no entanto, sua crônica nos deixa ver a insistência com que os membros de associações como aquelas tratavam de afirmar a moralidade e a decência de seus trajes como um fator importante de sua identidade. Por mais que para representantes do mundo letrado, como Luiz Edmundo, esses espaços se apresentassem como locais sem requinte nem moral, sendo cômicas as tentativas de seus sócios de afirmação de um padrão estético e moral elevado, seus frequentadores tratavam de afirmar seus próprios padrões morais, apesar da incompreensão do cronista.

O cuidado com a vestimenta

Para além das visões preconceituosas como a de Luiz Edmundo, os pequenos clubes mostravam, por meio de seus estatutos, a lógica moral específica que os estruturava. De fato, apesar da incompreensão do cronista, a moralidade aparece como critério de afirmação e reconhecimento da identidade do clube, que afirma para seus sócios a marca da decência. Era o que mostravam, por exemplo, as “disposições gerais” do estatuto do Grupo Dançante Carnavalesco Bateria do Inferno²¹ de que seriam “eliminados os que, no recinto social, portarem-se sem a devida decência ou moral”.

Ao atentar para a vestimenta adequada à frequência nos bailes, esses clubes buscavam um padrão moral capaz de afirmar para seus sócios a marca da respeitabilidade e da decência, que muito afastava essas agremiações da imagem descrita por alguns cronistas do período. O controle da vestimenta, assim como a afirmação de padrões morais elevados, permitia que os pequenos clubes de certa forma obtivessem um espaço na imprensa, onde antes trabalhadores como os que os compunham costumavam aparecer apenas nas páginas policiais. Do mesmo modo, podiam ajudar os sócios desses clubes a conseguir a referida licença, já que estavam submetidos à investigação policial. Nem por isso, no entanto, podemos ver nesse esforço de afirmação de padrões morais rígidos nos pequenos clubes simples cópia de um modelo que lhes era exterior – pelo contrário.

Esse controle das vestimentas é ainda visível quando analisamos fotografias do período. Muitas vezes esses clubes tinham fotos de sua diretoria e de seus sócios, e até de seus estandartes, publicadas em revistas e jornais que circulavam na época. De fato, a fotografia era um importante recurso de projeção de uma imagem que se pretendia deixar evidente:

podemos pensar nas imagens deixadas pelos clubes como a expressão da tentativa de ganharem respeitabilidade e visibilidade entre seus contemporâneos e para a posteridade. Em pose formal, os sócios de cada clube exibiam a imagem pública do clube que pretendiam ver divulgada nos jornais. Exemplo disso é a foto da Sociedade Carnavalesca As Meninas Vaidosas publicada na *Revista da Semana* em 1911.

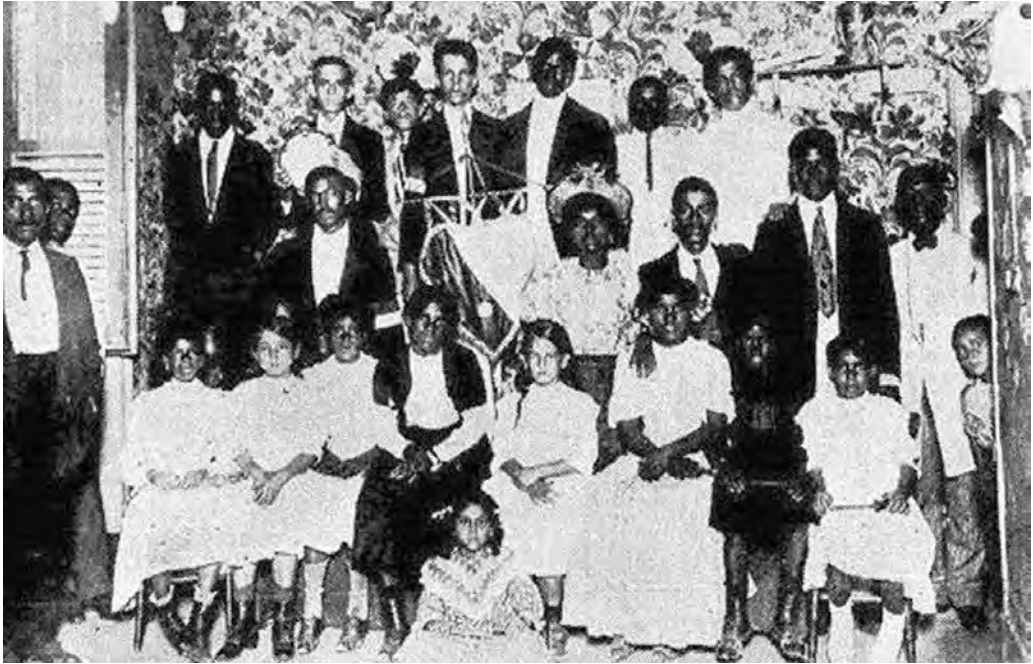


Imagem 2: “As Meninas Vaidosas”. *Revista da Semana*, 25 de fevereiro de 1911.

Ainda que essa foto tivesse o objetivo de mostrar uma imagem positiva do clube, ela nos traz indícios do modo como se apresenta a afirmação moral e a elegância ali presente quando reparamos nas roupas com que seus sócios iam aos bailes. De fato, há simplicidade nos trajes, demonstrando o perfil dos que frequentavam essas pequenas agremiações. Como afirma Leonardo Pereira referindo-se ao clube Prazer das Morenas, localizado em Bangu, “por mais que se tratasse de um clube de maioria trabalhadora de fábrica, eles deixavam clara a tentativa de adoção de um perfil que se pretendia elevado”²². Além disso, podemos ver a decência dos trajes nos longos vestidos recatados das senhoras e das meninas, essas que só deixam aparecer o joelho, e no terno dos senhores, todos com colarinho e gravata. Frequentada por negros, mestiços e brancos, a sede social aparece como um local pequeno onde os sócios se apertam para sair na foto.

Uma imagem semelhante, que nos permite analisar as vestimentas dos participantes desses bailes, foi feita em 1912 na sede da Sociedade Dançante Carnavalesca Triunfo dos Caçadores de Montanha, publicada na revista *O Malho*:



Imagem 3: “Caçadores de Montanha”. O Malho, 27 de abril de 1912.

Com uma sede na Rua Pedro Américo aparentemente maior que a da foto anterior, com pose em frente à janela, vemos as paredes com alguns quadros que ornamentam a sala, e um desses quadros nos permite ver a imagem de Prudente de Moraes. Com um perfil de maioria negra, também vemos alguns mestiços e brancos. Chama a atenção o fato de que, mesmo de forma simples, vemos o requinte das roupas, dos penteados e das joias com que tanto sócias quanto sócios iam a seus bailes. Embora a foto exiba a maneira vaidosa como se apresentam os sócios do clube, essa vaidade se faz acompanhar de forte senso moral. Se no caso das Meninas Vaidosas apareciam muitas crianças com partes das pernas à mostra, todas as senhoritas desta foto vestem longas saias, usam mangas que iam até o cotovelo e nenhum decote. Além disso, não se observa nenhum contato físico entre pessoas do sexo oposto, e o único gesto de intimidade mostrado na foto é o abraço entre uma mulher negra e uma branca.

Assim como os estatutos analisados, as imagens reforçam a ideia de que a preocupação com a vestimenta era uma questão central que fazia parte da experiência desses clubes. Eles exigiam cuidadosamente um modo de vestir bem comportado e moralizado, a fim de garantir a respeitabilidade do clube. Se do ponto de vista de cronistas como Luiz Edmundo e Orestes Barbosa esse cuidado com a roupa parecia descabido e engraçado, em se tratando do grupo social que compunha tais clubes, os sócios desses pequenos clubes de trabalhadores procuraram por meio dele afirmar sua própria elevação, buscando, com um padrão moral

elevado, afastar a mancha do preconceito que costumava recair sobre os homens e as mulheres que compunham seu mundo. A afirmação e a defesa da elevação da vestimenta com a qual deveriam frequentar esses bailes representavam, dessa forma, uma tentativa de diálogo e embate com outros grupos sociais, através do qual os trabalhadores desses clubes pequenos davam forma a um meio positivo de articulação de seus laços de solidariedade e identidade.

Foi a força desse processo que garantiu, em 1930, o sucesso do samba de Noel Rosa. Era pela identificação com o cantor da música que muitos foliões dançavam e se divertiam com seus versos, nos quais podiam reconhecer sua própria experiência. No mesmo movimento em que apontava para um futuro de constituição do samba e da cultura negra como bases de afirmação da nacionalidade, a música de Noel Rosa mostrava o quanto esse futuro se ligava a experiências e visões de mundo específicas – que expressavam, nos pequenos salões frequentados por trabalhadores, sonhos, alegrias e aspirações cujos sentidos ainda precisamos tentar entender melhor.

Notas

¹ Cf. RIBEIRO, Santuza Cambraia Naves. “Modéstia à parte, meus senhores, eu sou a vilal’: A cidade fragmentada de Noel Rosa”. In: *Revista Estudos Históricos*, vol. 8, nº 16, 1995, pp. 251-268.

² ROSA, Noel. “Com que Roupas?”. Disponível em: <http://letras.mus.br/noel-rosa-musicas/125759/>. Acesso em 27 de agosto de 2014.

³ “Carnava, l a festa do povo”. In: *Diário da Noite*, 19 de janeiro de 1931.

⁴ *Arquivo Nacional*, GIF 6C 127 (“Club de Madureira”).

⁵ BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

⁶ O inspetor Belmiro Vianna aparece como comissário da polícia no ano de 1909 (*Gazeta de Notícias*, 4 de outubro de 1909, e *O Século*, 30 de abril de 1909). Em 1920, ainda como comissário, participa de uma iniciativa do delegado Dr. Gilberto Porto no 23º Distrito, “uma campanha severa contra curandeiros e casas de diversões”, prendendo 15 homens que “se entregavam a um ‘bataque’ infernal” (*A Noite*, 25 de junho de 1920).

⁷ Mais tarde, no ano de 1909, o Dr. Accacio de Araújo aparece como presidente dos fiscais de ronda do quartel de Madureira (*A Imprensa*, 31 de agosto de 1909).

⁸ *Arquivo Nacional*, GIF 6C 102 (“Sociedade Dançante Familiar Progresso do Catete”).

⁹ *Arquivo Nacional*, GIF 6C 250 (“Club Recreativo Chuveiro de Ouro”, 1907).

¹⁰ A regra se encontra no §1º do Capítulo 6º “Direitos dos Sócios”.

¹¹ *Arquivo Nacional*, GIF 6C 250 (“Grupo Carnavalesco Rei das Matas”, 1908).

¹² *Arquivo Nacional*, GIF 6C 251 (“Sociedade Carnavalesca As Meninas Vaidosas”, 1908). A regra se encontra no §1º das “Disposições Gerais”.

¹³ *Arquivo Nacional*, GIF 6C 63 (“Grêmio das Esmeraldas”, 1900).

¹⁴ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

¹⁵ *Ibidem* (p. 172)

¹⁶ ESTEVES, Martha de Abreu; CAULFIELD, Sueann. “50 anos de virgindade no Rio de Janeiro: políticas de sexualidade no discurso jurídico e popular (1890-1940)”. In: *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, vol. 2, ano 2, n. 1, 1995, pp. 15-52.

¹⁷ EDMUNDO, Luiz. “Carnaval de Morro”. In: *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, pp.818-820.

¹⁸ A expressão “classes viciosas” é trabalhada por CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. De acordo com o autor, a expressão “classes perigosas” parece ter surgido na primeira metade do século XIX. Ela se referia principalmente aos indivíduos que viviam na pobreza. A principal virtude do bom cidadão seria o gosto pelo trabalho, e este levaria necessariamente ao hábito da poupança,

que, por sua vez, reverte em conforto para o cidadão. Desta forma, o indivíduo que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Logo, o maior vício possível em um ser humano seria o não trabalho, a ociosidade; segue-se que aos pobres falta a virtude social mais essencial; em cidadãos nos quais não abunda a virtude, grassam os vícios, e logo, dada a expressão “classes pobres e viciosas”. De acordo com o autor, a adoção de tal conceito no Brasil, de classes viciosas (ou perigosas), tinha como suspeitos preferenciais os negros. Tais vícios eram resultado de seu “antigo estado”, isto é, as condições de vida no cativo seriam as responsáveis pelo suposto despreparo dos ex-escravos para a vida em liberdade.

¹⁹ BARBOSA, Orestes. “Um Baile na S.D.F. Caprichosos da Estopa”. In: *Bambambã*, Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, Secretaria Municipal de Cultura, 1993. p. 75.

²⁰ EDMUNDO, Luiz. “Carnaval de Morro”. In: *O Rio de Janeiro do meu tempo*. op. cit.

²¹ *Arquivo Nacional*, GIF1 6C 213 (“Grupo Dançante Carnavalesco Bateria do Inferno”, 1912).

²² PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “O Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República”. In: *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Referências Bibliográficas

ABREU, Martha, e DANTAS, Carolina Vianna. “É chegada a ocasião da negrada bumbar. Comemorações da Abolição, música e política na Primeira República”. In: *Vária História*, vol. 27, n. 45, jan/jun 2011, pp.97-120.

ABREU, Martha. “Histórias musicais da Primeira República”. In: *ArtCultura*, vol. 13, n. 22, jan/jun. 2011, pp. 71-83.

BRETAS, Marcos Luiz. *A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na Cidade: O exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro (1907-1930)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRETAS, Marcos Luiz. “As empadas do confeitiro imaginário: A pesquisa nos arquivos da justiça criminal e a história da violência no Rio de Janeiro”. In: *Acervo*, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 1, jan/jun 2002, pp.7-22.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs). *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

ESTEVES, Martha de Abreu; CAUFIELD, Sueann. “50 anos de virgindade no Rio de Janeiro: políticas de sexualidade no discurso jurídico e popular (1890-1940)”. In: *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, vol. 2, ano 2, n. 1, 1995, pp. 15-52.

PEREIRA, Cristiana Schettini. “Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas Grandes Sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX”. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “O Prazer das Morenas: bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República”. In: *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. *O Carnaval das Letras*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

PEREIRA, Leonardo A. Miranda. “Os Anjos da Meia-Noite: trabalhadores, lazer e direitos no Rio de Janeiro da Primeira República”. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 19, n. 35, 2013, pp. 97-116.

VELLOSO, Mônica Pimenta. "A dança como alma da brasilidade. Paris, Rio de Janeiro e o maxixe". In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 7, 15 de março de 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em 20/04/2015

Aprovado em 30/04/2015

